

# O HERALDO

Editor,  
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Composição e Impressão,  
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

## INAUGURAÇÃO DA LINHA FERREA EM TAVIRA



A historia do progredimento material da nossa terra faz se hoje um dos seus registos mais notaveis e que melhor frizam a aura de progresso que presentemente passa por nós: a inauguração da linha ferreo-viaria. O silvo agudo da locomotiva rasga hoje a lenda quasi supersticiosa que envolvia esse facto de summa importancia para a nossa região e que hoje a liga com os centros maiores e mais civilizados do mundo culto. E oxalá esta inauguração festiva marque o inicio d'uma nova era de prosperidades e que, dentro da evolução a que nos conduziu o presente seculo, assemelhe esse periodo faustoso de glorias e de riquezas que a nossa terra fruiu com orgulho em tempos do rei D. Manuel.

Era já tempo de acabar este isolamento em que nos faziamos esquecer, incolumnes á ventania insufladora da civilização e fóra do sol ardente e vivificador do progresso. Cidade pittoresca e sadia, rainha d'este inflorado recanto do sul onde a terra é mais ubere e a luz é mais intensa, saudada pelo ritmo emballador do oceano e merecendo á natureza prodigalidades extremas de côr e de perfumes, desde ha muito se impunha a esse importante melhoramento que é a locomotiva e que, depois de ter sido considerada uma utopia para nós á custa de tanta esperança desfeita, é hoje uma realidade indiscutivel a par d'um prenuncio bom e auspicioso.



Conselheiro Affonso Vargas

Certamente que a comunicação por via acelerada com os centros mais populosos ha de trazer-nos esse ar de vida e movimentação que superiorisa as cidades, fazendo ainda alliar a commodidade e facilidade de comunicações vantagens excellentes para o desenvolvimento das nossas industrias e florescimento do commercio.

Por pessoas illustres tem sido já tantas vezes demonstrado com notavel evidencia o alto grau de importancia material que as locomotivas conduzem ás localidades onde se faz ouvir o seu silvo atroante, que nos detemos hoje de o reproduzir, certos já de quanto no animo de nós todos está como convicção arreigada esse facto incontestavel.

Não é, pois, sem fundado motivo, que Tavira solemnisa com enthusiasmo a inauguração do caminho de ferro, convencidos de que n'esse ruido de festa está o appello para uma nova era de melhora e progredimento.

\* \* \*

N'um paiz onde o interesse geral das populações estivesse superior á politiquice prejudicial e intoleravel de pequenos magnates provinciaes, desde ha muitos annos que Tavira teria registado a inauguração do caminho de ferro, evitando-se a espera resignada e quasi humilhante de tantos annos por simples obediencia aos caprichos egoistas de uma outra localidade. Não constituem segredo para nenhum de nós os inauditos exforços empregados junto dos poderes publicos para se embarcar o prolongamento da linha ferrea viaria de Faro a Villa Real de Santo Antonio e por largos annos esses exforços conseguiram resultados excellentes, com sacrificio de toda esta parte do sotaento da provincia.

Só ha annos, quando á presidencia da camara dos deputados foi elevado o sr. dr. Matheus Teixeira d'Azevedo, pugnador incansavel dos interesses materias d'esta riquis-

sima região do sul, se conseguiu enfim vencer o sem numero de difficuldades que astuciosamente impedião ao prolongamento da linha ferrea, dando-se satisfação aos



Dr. Matheus Teixeira d'Azevedo

clamorosos pedidos das localidades até ahi desattendidos e sacrificadas. Uma das causas que melhor contrariavam a continuação da via ferrea até Villa Real era a divergencia de opiniões sobre a directriz da mesma via á sahida de Faro. Para vencer de vez esse obstaculo conseguiu o dr. Matheus d'Azevedo que o illustre titular das obras publicas, então o sr. conselheiro Manuel Affonso Vargas, fizesse reunir todos os pares do reino e deputados algarvios e ainda alguns engenheiros e n'essa reunião ficou assente o traçado definitivo, dando se assim o primeiro golpe na quasi criminosa contrariedade que obstava ao prolongamento da linha. Sanada essa divergencia o sr. conselheiro Affonso Vargas determinou o immediato começo dos trabalhos de construção, sendo louvavel o decidido empenho com que recommendou a actividade e promptidão dos mesmos.

Não pode negar se a inexcédível cooperação e boa vontade com que esse illustre homem de estado correspondeu á insistente sollicitação do sr. dr. Matheus Teixeira d'Azevedo para ser attendida uma das mais justas pretenções d'este povo algarvio e é como homenagem a essa cooperação valiosa que foi o melhor impulso na construção do referido prolongamento que hoje publicamos o seu retrato, mesmo para que o publico saiba com verdade dos homens que melhor contribuíram para este triumpho da nossa região.

Tambem o sr. conselheiro conde de Paçô Vieira, que succedeu ao sr. conselheiro Affonso Vargas na pasta das obras publicas, vinculou o seu nome a esta obra de progresso, revellando sollicitude e empenho para a conclusão do troço ferreo viario e correspondendo sempre da melhor vontade ás decisões do conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado que bastante interesse e auxilio tem posto ao serviço d'esta construção, devendo especialisar se ainda o seu secretario, sr. Fernando de Sou-



Engenheiro Arthur Mendes

sa, sempre prompto em attender ainda os mais pequenos pedidos de conveniencia local.

No que respeita ao engenheiro director dos trabalhos de construção do troço, sr. Arthur Mendes, é já bem sabido de todos a louvavel dedicação e actividade com que se tem desempenhado do seu importante mister e por mais d'uma vez aqui nos temos referido á maneira escrupulosa e sensata como tem sabido alliar os interesses do estado á conveniencia dos povos.

E eis os principaes cooperadores d'esse utilissimo melhoramento que hoje se regista com solemnidade e que Tavira deve aos desvelados exforços do prestigioso vulto politico que melhor e mais enthusiasmadamente tem pugnado pelos interesses materias d'esta terra — o dr. Matheus Teixeira d'Azevedo.

\* \* \*

A estação de Tavira inaugura-se com o tramway de Portimão que chega ás 10,55 horas, queimando se por essa occasião innumeradas girandolas de foguetes e tocando as duas philarmônicas da terra.

Da foz do Guadiana ao extremo austro occidental da Europa, que é o cabo de São Vicente, abrigada d'este lado por esse cabo, e dos frios ventos do norte por um guarda ventos do Norte por um guarda vento natural de serras, banhada por um mar azul e tépido, encimada por um céu a um tempo fulgurante e suave, estende-se, de-



Conde Paçô Vieira

fronte da Africa, uma região deliciosa, um vasto jardim de todo o anno, um paradisiaco vergel.

E' o Algarve.

O grande naturalista do seculo XVIII, Linneu, cognominou Portugal, por causa da flora peculiar e opulenta d'este paiz: a *India da Europa*. Por sua vez, o Algarve pôde reivindicar a honra de ser chamado a India de Portugal. Em rigor, o Algarve é um vasto oasis africano, separado do continente fronteiro pelo cataclismo que abriu o estreito de Gibraltar. Oasis sem deserto, limitado por um rio, por uma serra e pelo mar; embora a tristeza elegiaca do deserto reine ali, com mais grandeza, n'esse mar e n'aquellas montanhas. O idyllio encontra-se lá tambem, virtualmente, por toda a parte. O idyllio sente-se ali, respira-se, vê-se, ouve-se, no chilrear dos passarinhos, no murmurio das aguas, no perfume das flores, no flébil cicio das folhagens sempre verdes e, principalmente, na voz cantante e nos olhos estrellinos das mulheres, em meio de enternecedoras paizagens de Eden...

Ora esse Eden é posto agora em comunicação acelerada, por terra, com o resto do paiz e com o mundo europeu.

Que o seja em boa hora! E que a locomotiva lhe não leve sómente a prosperidade material; que lhe leve tambem, com as chammas da sua fornalha, um clarão de ideal! Que o silvo estridente do vapor, cortando o silencio augusto dos seus campos e o activo rumor dos seus povoados, lhe não sirva de estimulo para entoar o cantico frenetico do gozo, o hymno pagão da riqueza!

Mas não... Com o seu céu, o seu mar, as suas montanhas, as suas flores e as suas mulheres, nenhuma região do mundo é mais apta para o culto do ideal, do que essa que produziu o maior poeta portuguez depois de Camões. Que os Algarvios e as Algarvias, sejam pois, agora e sempre, dignos do grande Algarvio em cuja alma brotaram as sempre vivas *Flores do Campo*, de perfume, de viço e de brilho immortaes!

Fernando Leal.

## O MEU ALGARVE

Oh meu ardente Algarve impressionista e molle,  
 Meu lindo preguiçoso adormecido ao sol,  
 Meu louco sonhador a respirar chimera,  
 Ouvindo, no azul, o canto das esferas,  
 A marcha triumphal dos mundos pelo ar.—  
 Para te adormecer, Deus poz-te perto o mar,  
 E, para fecundar a tua phantasia,  
 No vasto palco azul, erguido nos espaços,  
 Fez mais bello p'ra ti o drama em oiro—o Dia,  
 E deu, p'ra te abraçar, á luz, mais fortes braços.  
 Romantico torrão de doidas phantasias,  
 Namorado e gentil, sensual e troveiro,  
 Onde o luar se orchestra em novas harmonias  
 E faz de neve em vez das neves de janeiro...  
 Terra doirada, aonde as tardes caem mansas,  
 Como verga uma flôr na haste delicada,  
 E onde os lyrios são amigos das creanças  
 N'uma amisade sã, divina, immaculada,  
 Algarve, onde os perfis, romanescos, dolentes,  
 Teem um ar de sonho e de fadiga molle,  
 E parecem abrir-se em curvas indolentes,  
 Como flores tambem, ao palpitar do Sol...  
 Campos d'um verde alacre, onde zumbem as côres,  
 Onde transborda a seiva, alegres e felizes;  
 Sentem-se germinar as raizes e flôres,  
 Na luxuria de Luz dos tropicaes paizes.  
 A's tardes, cada monte eleva-se sereno,  
 Na fluida limpidez dos poentes de rosa,  
 E a paisagem tem um distender ameno  
 De mulher sensual, fecunda e preguiçosa.  
 Algarve das paixões, do amor violento,  
 Que fana, quando passa, as boccas, de desejos;  
 Aromatica terra, onde a aza do vento,  
 Em vez de ser de ferro, é branda como os beijos...  
 Terra dos figueiraes e das vinhas formosos  
 Do luar novellesco, embriagante, albente,  
 Onde o Sol sensual cança os nervos das rosas,  
 N'uma volupia de oiro intensa, absorvente...  
 Algarve do *morghot*, dos rostos escondidos,  
 Das lendas, das visões, das moiras encantadas!  
 Onde as linguas do Ar murmuram aos ouvidos  
 Com vocab'los de sonho, as historias de fadas...  
 Encantado jardim fremente de matizes,  
 Onde a cor dá concerto em symphonias de oiro,  
 E onde, sob o sólo, as ávidas raizes  
 Vão ás vezes tocar n'algun velho thesoiro...  
 Costas do meu Algarve, onde é tão terno o mar,  
 D'um vehemente azul em rythmos de velludo,  
 Com neblinas de prata, ao nascer do luar,  
 Espumantes de luz, quando o sol cobre tudo...  
 Costas azues de sonho, onde os navios parecem  
 Lyrios que vão boiando e voando serenos,  
 E as vellas, correndo, ao longe se esmaecem  
 E semelham, assim, uns malmequeres pequenos...  
 Canta suavemente a agua, sob as quilhas,  
 Com um vago rumôr, setinosa e azul,  
 As liquidas canções, as finas baladilhas  
 D'este mar sonhador, do meigo mar do Sul.  
 Com tu és diferente, oh mar doce e saudoso,  
 Oh mar do meu Algarve, enternecido mar,  
 Do sinistro oceano escuro e ardiloso  
 Que esmaga os navios para os poder roubar!  
 Tu nunca, como elle, assassinaste, rindo,  
 Noivos a viajar, poetas, marinhagem,  
 Que sonham no convés, quando o luar, subindo,  
 Risca em prata na agua o sulco da viagem...  
 Tu vaes cantar de noite á beira dos moinhos,  
 Das collinas, dos caes, das praias murmuradas,  
 Para embalar o somno ás aves nos seus ninhos  
 E para destruir a insomnia das rosas...  
 Quando perto de ti as namoradas choram,  
 Meu bello aventureiro azul, vaes consolal-as;  
 Por isso, lindo mar, ellas tanto te adoram:  
 Abrem-te o coração, sempre que tu lhes fallas...  
 Tu vaes adormecer sobre o barco, cantando,  
 O pobre pescador cansado de remar...  
 P'ra poderes tornar o seu somno mais brando;  
 Nem o barco, sequer, lhe fazes oscillar...  
 Tu vaes fazer vibrar as pequeninas ilhas,  
 Emmergindo de ti, brancas, silenciosas,  
 Na melodia azul das vagas e das quilhas  
 E das vellas correndo, alvas e luminosas.  
 Vaes fazer latejar, n'uma glauca harmonia,  
 As rochas junto a ti erguidas e soldadas,  
 Meu lindo mar do Sul, oh mar da Phantasia,  
 Da Aventura, do Amor, da Lenda e das Balladas!  
 Luar do meu Algarve, immaculado e fino,  
 Luar fluido, de neve, opalas e jasmims,  
 Romantico luar, transparente e divino,  
 Que inunda de Chimera as aleas dos jardins,  
 Setinoso luar, querido dos marinheiros,  
 Luar sentimental do Sonho e dos amôres,  
 Que nevas com a luz a agua dos ribeiros  
 E dos lagos azues deitados entre flôres.  
 Tu vaes tecer, de leve, em brancas musselinhas,  
 As bahias, o mar: atulhal-os de estrellas;  
 Romantisas os caes, as ilhas, as collinas,  
 As curvas dos perfis, o vôo agil das vellas.  
 Vaes rollar, sobre a serra e nos valles floridos,  
 O teu alvo fulgôr do marmore e de arminhos:  
 Tornas os corações bons e compadecidos,  
 Idyllicos; o campo, as estradas, os ninhos...  
 Negrejantes pinhaes vivendo á beira mar,  
 Valles sorvendo luz, collinas maceradas,  
 Silenciosos navios ao longe a navegar  
 Sobre o tremulo seio das aguas desmaiadas,  
 Toca-vos o clarão evocador da lua  
 E tendes logo o ar d'um sonho desenhado,  
 Como um fluido veu por sobre vós fluctua  
 Esse pollen da luz, que os mundos tem creado...  
 Oh sol, vibrante sol, do meu Algarve de oiro,

Que fazes palpar os peitos e os jardins  
 No mesmo grande amor, fecundo, immorredoiro,  
 Que rebenta, na Vida, em olhos e jasmims:  
 Oh sol que pões no Ceu um brilho violento  
 E fazes chammejar, ao longe, os horisontes;  
 Que pões fogo no ar e pões brazas no vento  
 E que vaes calcinar a epiderme aos montes:  
 Adoro a tua luz vigorosa e sadia,  
 Que modula no campo a musica das côres,  
 Que rega, em nossa alma, os cactos da Alegria  
 E esculpe na semente os bustos das flôres:  
 Caem-me sobre o olhar: banha-me em teu fulgor,  
 Oh sol que pões no Ceu um latejante azul:  
 Dá-me a tua alegria e dá-me o teu vigor,  
 Oh sol, immortal sol, do meu paiz do Sul...  
 Manhãs do meu Algarve, auroras grandiosas,  
 Abrindo pelo Ceu girandolas de côres,  
 Feitas de seda e oiro e marmores e rosas,  
 Acordando de manso as somnolentas flôres!  
 V'luptuosas manhãs triumphaes e supremas,  
 Em que o ar não tem mancha, a luz não tem algemas!  
 Auroras que deixaes as montanhas extaticas,  
 No triumphal fulgor com que ides inundal-as:  
 Deslumbrantes manhãs intensas e dramaticas,  
 Diluvios de rubis e liquidas opalas!  
 P'lo ar immaculado o vosso oiro palpita,  
 Como um pollen de luz celeste e fecundante,  
 Que vem tornar a terra a santa mãe bemdita,  
 Que, sob os astros, gera a vida, a cada instante.  
 Oh manhãs sobre o mar, vossa frescura trago-a  
 Dentro do coração e na curva do olhar!  
 Manhãs, que pareceis incendios sobre a agua,  
 Quem me dera um pincel p'ra vos poder pintar!  
 Oh mar, oh sol, oh noites transparentes,  
 Campos a borbulhar a seiva que os invade,  
 Horisontes sem mancha, alvoradas ardentes,  
 Olhos frescos de amor ensinando a saudade,  
 Eu amo a vossa côr, o vosso brilho forte,  
 A fecunda alegria que de vós se evapora;  
 Detesto a pallidez que cobre os ceus do norte,  
 Onde a Côr se desbota e onde a Luz se descôra,  
 Frio encanto polar das montanhas geladas,  
 Com um sinistro alvôr de sepulchral luar,  
 Alva graça mortal das campinas nevadas,  
 Que a natureza fez p'ra o cinzel imitar:  
 O vosso encanto é um encanto de morte,  
 Vossa belleza é a paralyzação:  
 Oh arte glacial das regiões do norte  
 Não fazes palpar jamais o coração!

JOÃO LUCIO.

## CARNAVAL

Nem só na capital o estúpido  
 fútil de outras eras se fez este  
 anno substituir por Sua Excellen-  
 cia o carnaval civilisado que, mor-  
 dam embora os saudosos da antiga  
 selvageria carnavalesca, merece o  
 applauso vehemente dos sensatos  
 e a cooperação de nós todos para  
 polir-se de anno para anno, de mo-  
 do a substituir as botas sambadas  
 e o fato de *ché-ché* pelo *smb-king*  
 aristocratico das salas e a linda  
 chinelinha á Cendrillon... para bai-  
 les.

Apesar da exuberancia alacre  
 da natureza nos tres dias magnos  
 da quadra, o carnaval das ruas  
 foi em demasia sensaborão e par-  
 co, sem graça e sem entusiasmo.  
 O *clou* d'esse turbulento periodo  
 de folia constituiu-se este anno,  
 entre nós, pelos bailes esplendoro-  
 sos do *Gremio* que marcaram a  
 par da sua nota accentuadamente  
 garrida e distincta a evolução ac-  
 ceitaval e justa do carnaval na  
 nossa terra.

As *reuniões familiares*, pseudo-  
 nymo dos bailes sem maior etique-  
 ta, tiveram toda a nota viva do  
 entusiasmo e serviram de prologo  
 magnificente n'essa festa prodiga  
 de esplendor e de distincção que  
 foi o baile de domingo gordo com  
 o fecho requintadamente galhardo  
 do *bal masqué* de terça feira.

Como foi encantador o baile de  
 domingo! O pregão das novas  
 theorias sociaes que banem a etique-  
 ta e abominam o preconceito  
 ainda não estragou de todo o gos-  
 to por essas festas de requinte di-  
 plomatico que se superiorisam no  
 brilho dos peitinhos largos, no ta-  
 lhe elegante das casacas e no de-  
 cote estonteador das *toilettes* femi-  
 ninas. E agradou muito, na noite  
 de domingo, aquella festa admira-  
 velmente bella onde a praxe, a  
 correção extrema de maneiras,  
 as *toilettes* graves e o feiticeiro en-  
 canto de mulheres lindas se con-  
 fundiam n'um turbilhão intenso de  
 luzes... luz dos candelabros e luz  
 da alma.

Depois a musica, a incorrigivel  
 perturbadora dos corações, agu-  
 çando desejos de amor divino com  
 o ar dolente dos seus accordes e  
 o tom esquisito e caprichoso das  
 decorações da sala, impeccavel de  
 brilho e gosto.

E o *bal masqué* de terça feira?  
 Vaes dar nos impressões d'elle uma  
 gentil senhora que, como nós, as-  
 sistiu a esse festival e que enquan-  
 to uma deliciosa walsa de Strauss  
 nos emballava a alma, nos conce-  
 deu a honra penhorante de nos ou-  
 vir e a suprema desventura de nos  
 responder, com graça e com espiri-  
 to.

—Ha já alguns minutos que no-  
 to, com curiosidade, o olhar insis-  
 tente de V. Ex.<sup>a</sup> por todos os cantos  
 da sala.

—Muito obrigada pela *amabili-  
 dade*, mas saiba que apesar d'isso  
 não sou dos que mais observam.

—Mas das que observam me-  
 lhor.

—Outra vez muito obrigada. En-  
 tão tem tirado muitas notas?

—Nenhuma. Sabe que a repor-  
 tagem moderna, farta do ramer-  
 rão arido da assistencia, exige ago-  
 ra as *toilettes* e mais cousas de  
 tom. Com a minha absoluta igno-  
 rancia em modas, pode julgar do  
 meu embaraço... e da sollicitude  
 com qua procurei esta palestra.

—O que!? Quer talvez que eu  
 lhe corrija ja ignorancia?

—Dizendo-me as *toilettes*...

—Procurou mal. Primeiro por-  
 que detesto a indiscricção preju-  
 dicial dos senhores jornalistas de  
 hoje, segundo porque isso de des-  
 crever as *toilettes*, sendo um estimu-  
 lo á vaidade, é tambem um desaso-  
 cego na economia dos chefes de fa-  
 milia. O senhor pode lá fazer  
 ideia de quanto custa hoje uma  
*toilette* de tom.

—Permitta-me que ache desca-  
 bida essa philosophia para uma  
 noite d'estas...

—O que o senhor quer são as  
 toiletas, não é verdade...

—E os costumes...

—E ha alguns muito capricho-  
 sos esta noite. Veja mademoiselle D.  
 Maria Thereza Cruz, de *Festa das  
 Flores*. Que paciencia e que gosto

—Concordo.

—E olhe como está linda, de  
*zingara*, madame D. Maria Trin-  
 dade Vizetto!

—A minha atroz myopia não me  
 deixa conhecer aquellas senhoras  
 que lhe seguem.

—Digo lhe eu: D. Maria Elesbão  
 Mimoso, de vestido em *foulard bleu*  
 com guarnições de renda ingleza;  
 D. Maria Emilia Tavares Pires  
 Neves, de vestido em seda *vert  
 foncé*; D. Amelia Barrot Trindade,

com *toilette* de seda preta; D. An-  
 gelina Amaral, elegante *toilette* de  
 seda *gris blanc* com guarnições de  
 rendas brancas; D. Emilia Neiva,  
 de *soie* escarlata; D. Maria Fonse-  
 ca Carmo, vestido completo de  
 setim preto; D. Maria Angelina  
 Serra da Fonseca, *blouse* de seda  
 roxa com guarnições a negro e gra-  
 vata de rendas brancas.

—Tem a amabilidade de conti-  
 nuar.

—Seguem ae duas rosas.

—Duas rosas?

—Sim, D. Ilda Cansado, vestida  
 de rosa.

—Bem dito. Ha mais costumes,  
 parece.

—Ha. D. Alda Neves, de *gover*,  
*nanta de easa*; D. Albertina Reis,  
 de *cosinheira*, fato de seda branca  
 com guarnição de velludo *vermeil*;  
 D. Maria Adelaide Marinho, de  
*florista*; D. Maria Aboim, de *tou-  
 reira* com saia de seda rubra e bo-  
 lero de velludo; D. Carlota Trin-  
 dade, de *Carmen*; D. Maria Eugenia  
 Brazil, de *Alsaciana*; D. Lau-  
 rindo Guerreiro, de *Capricho*; D.  
 Maria Amado da Cunha, de *Bara-  
 lho Francez*.

—Que baralhada de costumes.

—Ainda ha mais: D. Maria Vi-  
 ctoria Aboim Ferreira, elegante-  
 mente vestida de dama hespanho-  
 la do seculo XXVI; D. Sebastiana  
 Araujo Ribeiro que tem no seu  
 traje de *Napolitana* o requinte de  
 gosto que sabe imprimir a todas  
 as suas *toilettes*; D. Amelia Caldas  
 Xavier Arez, de *Sevilhana* e D.  
 Maria Libania Rhodes Sergio, de  
*Manola*, provando que o *salero* não  
 é só apaganço de andaluzas.

—Mais...

—Costumes não ha. Já agora po-  
 nha lá os seguintes *toilettes*: D. Ma-  
 ria dos Prazeres Reis, *blouson* em  
 velludo de seda, côr de violeta; D.  
 Eugenia Neiva, vestido de seda  
 preta com guarnições de seda azul;

D. Maria da Gloria Carneiro de  
 Neiva, *blouse* em seda preta *sur fond  
 blanc*; D. Flavia Dulce Carneiro de  
 Neiva, vestido de seda *grenat*; D.  
 Izabel Mimoso e D. Maria Luiza  
 Mimoso, elegantes *toilettes* de seda  
 e *voile* azul celeste; D. Maria da  
 Conceição Alves, vestido de seda,  
*blanc et noir*; D. Germana Sergio,  
 saia de seda preta lavrada e *blouse*  
 roxa em *soie*; D. Celeste e D. Ida-  
 lina Apollonia, vestidos de seda  
 azul celeste; D. Anna Pires Viegas,  
 de seda lilaz; D. Emilia Militão,  
*blouse* escarlata; D. Luiza Quadros,  
 de *soie noir* e rendas brancas; D.  
 Herminia Franco, *blouse* de seda  
 rose...

—Uff!...

—Cansa se? Pois ainda ha mais  
 e entraram agora mesmo: D. Anna  
 Sergio Faria Pereira, saia de setim  
*foncé* e *blouse* de seda; D. Jo-  
 sephina Samora, *soie noir* e laço  
 branco; D. Esther Pessoa, vestido  
 preto de granadine e effeites bran-  
 cos; D. Julia Samora Costa Gomes,  
 vestido de seda *gris vert*; D. Maria  
 Solesio, vestido preto de gaze e  
 laço branco.

—E homens?

—Joaquim Trindade e dr. Braz,  
 de *smockings* de côr e calção e meia  
 de seda preta; José Vizetto, de  
 principe Saphir; Desiderio Peres,  
 de *Luiz XV*; Rodrigo Aboim, de  
 mirandez e Jayme Cansado, de an-  
 tigo camarista.

—Permitta-me agora que ponha  
 a *toilette* de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>

—Não lho consinto.

O HERALDO é o jornal  
 algarvio mais barato e de  
 maior circulação.

## SILVINO DA CAMARA

Depois d'alguns dias de perma-  
 nencia n'esta cidade, retirou para  
 Lisboa o sr. conselheiro Silvino da  
 Camara, illustre inspector geral do  
 thesoiro.

HOTEL LA CAMPANA  
 AYAMONTE  
 O melhor e mais central hotel  
 da cidade. Serviço de meza  
 muito bom; aposentos luxu-  
 sos. Director: Luiz Faria.

MYTHOLOGIA NOVA

(A Francisco Mysterio)

Singular em todas as manifestações da sua intellectualidade, o meu amigo X tinha ás vezes ideias que me surpreendiam pelo arrojo da concepção, embora a maneira aprazível como as apresentava me obrigasse de bom grado, a acompanhá-lo no seu louco ou quasi louco fantasiar.

—Não te parece, perguntou-me elle um dia em que passeávamos na alameda de Aljés, que a Mythologia está gasta?

—Gasta? Que loucura!—contestei eu—A Mythologia tem sido e será ainda por muito a fonte privilegiada de inspiração para todas as Artes—e citei-lhe as inúmeras obras primas que conhecias, desde a estatua de Anubis, e das pinturas polychromas dos ipogeos, na mais remota antiguidade, desde os frescos de Pompeia e do Templo do Sol até aos trabalhos mais valiosos da ultima exposição.

—Isto nas artes plasticas. Na litteratura citei-lhe desde as concepções de Homero até aos devaneios de Banville. O meu amigo sorriu com desprezo.

—A Mythologia está gasta, repetiu elle dogmaticamente. Ocorreu-me então que, talvez suggestionado pela belleza primaveril do dia, pelo sol esplendente, pelo azul do ceo e pela agradável temperatura o meu amigo achasse sobre o dominio aereo da Mythologia e, nesta ordem do ideias, opinou que o numero de Syllides dave ser incl. culavel. Que a Scandinavia e a Irlanda são abundantissimas em lendas de apparições diaphanas... atmosphéricas...

Elle sorriu e num olhar vago espreia a vista sobre as aguas luzentes do rio.

Tomei aquelle olhar como uma indicação e perguntei-lhe se achava mesquinha ou insignificante a parte propriamente aquatica da Mythologia; como elle me não respondesse, parecendo-me incredulo, procurei «á priori» convencê-lo de que, só em Camões se encontram mais divindades aquaticas que vinhos num restaurant de preço.

Dezta vez o meu amigo, teve para mim um sorriso de commiseração como se me considerasse o mais pobre de todos os pobres de espirito e repetiu ainda:

—A Mythologia está gasta. Não me atrevi a contestar-lhe a affirmação e limitei-me a perguntar-lhe a razão do seu sorriso e das suas palavras.

Elle então, sacudindo levemente a cinza azulada do charuto, fallou assim: —Gasta, sim, meu amigo, gasta! Horrivelmente gasta! O Chaos e a Noite são duas entidades arcaicas e banaes! Jupiter está carunchoso e lembra um chefe de repartição á espera de que o nomeiem conselheiro Director Geral! Marte está tão reduzido e apoucado pelas muitas composições artisticas em que o teem feito figurar que, qualquer general reformado do nosso exercito não trocaria por elle o seu valor nem as suas veneras. Quanto a Venus, meu caro, tantos assumptos a belleza do seu corpo tem fornecido, a tantas obras primas tem dado origem que, creio bem qualquer custureirinha galante nos offerece com o ignorado das suas fórmulas, mais encantos e vale mais, muito mais para nós do que todas as edições da loira Aphrodite, desde a casta Venus de Medices até a Venus Anadyomena, de Paulo Veronesi!

De Minerva, a rigida deusa das artes e das sciencias nem vale a pena fallar. Perdeu todo o seu valimento desde que se entendeu que se podia ser diplomado em trinta mil cursos embora se não soubesse quasi ler nem escrever e se inventaram as cartas de empenho.

Neptuno ficou desgraçado com as descobertas maritimas; Vasco da Gama e outros navegadores portuguezes deram-lhe as primeiras estocadas e a navegação a vapor e a pesca de arrasto foram para o triste Possidon o golpe de misericórdia.

Dia a dia o pobre deus dos Mares, outrora tão poderoso, experimenta a necessidade de occultar-se para não correr o risco de ser irreverentemente pescado entre peixinhos de prata e algas marinhas...

Mercurio deu em droga desde que entrou nas pharmacias e se convencionou fazer delle o patrono dos commerciantes...

—Ora adeus! Mesmo que fosse como dizes que nos importariam a nós, homens do seculo XX as vicissitudes dos deuses mythologicos? Devemos apreciar a Fabula, é certo, mas considerando-a uma questão secundaria.

—Não tanto como pensas! A Mythologia é um apanhado de tradições é uma fonte uberrima de

exemplos ensinamentos e inspirações e como tal é necessario que a renovem.

—Que a renovem? Perguntei eu sorrindo. —Certamente! E que a modifiquem. Acaso não se reforma quasi diariamente a Historia pelas descobertas archeologicas? Por ventura a Sciencia não avança, a passos larguissimos em todos os campos? Porque razão ha-de a Mythologia ficar condemnada a uma estagnação permanente, a uma immobildade de pantano?—e como eu olhasse admiradissimo, continuou;

—Sim! Porque não hade a Mythologia acompanhar todas as evoluções da Sciencias e dar-nos como resultante desse progresso por exemplo—o deus «Radio»—a deusa Telephonia sem fio, o deus Phonographo, etc., etc.!

Não pude conter aquellas palavras, a minha indignação e bradei:

—Barbaro! Queres materializar o espirito!

O meu amigo sorriu. Não, elle não queria materializar o espirito! Bem sabia que ás divindades incorporeas e invisiveis da antiga Allegoria, outras deveriam corresponder tambem immateriaes e occultas. Expendera aquella opinião para ouvir-me, só para ouvir-me... apenas para ouvir-me!

Perguntei-lhe se tambem fóra para tal fim que fallára na evolução continua da Mythologia e na sua remodelação.

Elle então perdeu o ar sorridente e disse com voz grave que não, que fallára a serio, muito a serio, em tal necessidade.

—So queres ouvir o que penso sobre o assumpto, resigna-te a escutar-me, concluiu elle.

Chegavamos junto dum banco. Sentamo nos. Eu accendi um charuto, contemplei a transparencia azulina da ceo e predispuz-me para escutar attentamente os devaneios do meu amigo.

Elle começou assim:

—A Mythologia Grega não é mais do que uma copilação, um arreglo de fabulas diversas. Toda a gente o sabe. Certamente antes dos gregos conhecerem Zeus já os filhos de Confucio tomavam chá com elle e, quanto a mim, o Cerberó, o Peggasso, os Faunos e os Centauros e toda essa bicharia de que fallam Homero, Sophacles Hesiodo e outros não são senão variantes mais ou menos correctas e augmentadas dos extraordinarios animales da Mythologia Indiana que os artistas primévos esculpiram ou pintaram nas enormes columnas e paredes dos seus grandes templos, transformando-os em viveiros duma extraordinaria fauna.

Isto para não fallar nas divindades celestes que sem duvida serão modernissimas se as compararmos com as personagens do Rámayana e do Mahabharata, onde figuram extraordinarios animaes com poderes ainda mais extraordinarios!

Dir-me-has que os Gregos souberam aproveitar bem todas as fabulas, que lhe deram uma forma notavelmente poetica que depois os romanos tentaram aprefeioar, mas isso tudo é zero comparado com o meu plano. Eu von muito mais longe. Estudei o assumpto, medi o seu grande alcance artistico e philosophico e cheguei a brilhantes conclusões.

Organizei uma Mythologia applicavel a todas as raças humanas... uma especie de Mythologia-esperanto.

Eu sorri, incredulo elle continuou:

—Na minha Mythologia, o Chaos, a Noite, o Tempo, o Destino, todas essas velharias como que se simplificam e com substanciam numa só, numa unica divindade de multiplices aspectos.

—Pois sim, repliquei eu, mas as divindades secundarias tambem são imprescindiveis e significam muito! Como as inventas ou concebes tu? Onde vaes arranjar-as?

A onde? A um principio negativo, ao Mal. Assim em vez de Venus tenho exemplo a Escarlantina que, apesar de invisivel se a considerarmos com causa tem sobre a Venus a vantagem de traduzir-se como effeito enrubescendo lindamente as enformas.

A Elephantiasse representando Hercules, o Cancro symbolisando Saturno, a Dança de S. Vito substituindo Mercurio, a Peste Bubonica representando Jno, etc., etc.

—Sem duvida exclamei eu, a entidade suprema do teu Olympo é alguma panacéa universal. Algum prodigioso remedio de pharmacia!

—Enganas-te, replicou o meu amigo. Entidade, poder supremo que se possa apresentar com multiplex aspectos só conheço a Morte e a Morte é que é o fecho de toda a minha Mythologia! A Morte! Só a Morte!

O meu amigo dissera tão friamente este curto arrazoado que, apesar da claridade do dia uma nuvem escureceu o meu espirito e um calafrio de terror percorreu-me o corpo, todavia tive ainda coragem para terminar:

—Esta bem de vér, conclui sorrindo, que o Olympo de todos os teus deuses são os cemiterios.

—Estás ainda enganado, respondeu elle. Como o grego, o romano e o scandinavo o meu Olympo é no espaço porque todas as figuras da minha Mythologia a começar pela Morte são ainda mais invisiveis do que os formosos deuses da Mythologia grega, por isso os imagino fluctuando nos ares e tão impalpaveis e immateriaes que vão passando por toda a gamma da variabilidade dos meios!

LYSTER FRANCO.

O TOM IRRITANTE

O nosso ultimo artigo dirigido ao Sul tambem lhe não agradou e fel o suspeitar das nossas intenções.

O caso gravissimo d'aquelle nosso presado collega ter esmucado uma gralha typographica no nosso jornal, foi para nós motivo de profundissimo desgosto, tanto mais que a todos os instantes esperamos que o nosso typographo delibere suicidar-se, tal é a fórma altamente meditada como se apresenta, isto por saber que sobre elle impendem tremendas responsabilidades.

De tudo, porém, o que mais nos apoquento é não ter o nosso collega respondido ao que lhe perguntámos e tentar derivar a questão para outro ponto.

Sentiu-se o nosso collega O Sul por lhe dizermos graciosamente que se não respondesse ao que lhe pergantavamos o ficariamos considerando como completamente ignorante em musica e declara peremptoriamente que, por sua vés, terá que passar-nos diploma de ignorante se soubermos apenas estragar a pintura.

Vae um pouco longe o nosso presado collega. Nós promettemos-lhe apenas—e com grande magua—consideral-o como ignorante em musica, o collega passa diplomas ignorancia pinturesca e não seremos nós que lhe levemos a mal essa graciosa sahida, lamentando todavia que antes della não viesse a desejada resposta ao que lhe perguntámos.

E, para que nem sombra de duvida fique no espirito dos illustres redactores do Sul temos a declarar que, quando fallamos em musica, nem por pensamentos queriamos alludir á primorosa valsa que um delles (perdoe nos a indiscreção) está ultimando sobre o moteto da =Judia=de Thomaz Ribeiro, nem tão pouco ás=Rapsodias do Ultramar=que alguém nos segredou serem verdadeiros primores no genero.

Dadas estas satisfações aos nossos collegas do Sul, fazemos votos pela continuação fulgurante do seu estro e esperamos não ser dos ultimos a applaudir as suas mimosas composições musicas.

REVISTA AGRONOMICA

Publicação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal. Assinatura por anno: 3\$000 réis, travessa dos Remolares, 130. —Lisboa.

Agradecimento

Sebastião José da Silva Junior, Rosa Maria Soares da Silva e Antonio da Silva, bastante penhorados com as manifestações de estima e sympathia de que foram alvo por occasião do incidente que ultimamente se deu, da parte dos seus amigos e pessoas de suas relações, não podendo pessoalmente expressar a todas essas pessoas o seu reconhecimento, por esta forma o faz repetindo-lhe a sua gratidão. Távira, 8—3—1905. 223

CASA

No dia 26 do corrente, pelas 12 horas do dia, em casa do prior Romão Antonio Vaz, recebem se propostas para a venda particular da casa que possui Francisco da Silva na rua do Poço da Pomba.

A casa é foreira á Mesericórdia em 6\$000 réis annuaes, e as propostas devem ser livres do capital de foro para o vendedor. Não ha licitação. Entregase-se á proposta mais alta apresentada sobre 1:080\$000 base da venda. 224

CARREIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas no mez de março. Dias Horas De Mertola Dias Horas De Villa Real. 10 6,29 » manhã 11 2,42 » tarde. 13 7,59 » » 14 5, » manhã. 15 10,02 » » 16 7,12 » ». 17 12,51 » tarde 18 9,33 » ». 20 3,30 » » 21 11,51 » ». 22 5, » manhã 23 1,20 » tarde. 24 6,33 » » 25 2,48 » ». 27 8,23 » » 28 5,30 » manhã. 29 10,52 » » 30 8,01 » ». 31 1,28 » tarde.

Companhia de Pescarias do Cabo e Rama hete

Vendem-se vinte acções d'esta Companhia. Trata-se com José Maria dos Santos.

Venda de trens, cavallos e mobilia

Vendem-se alguns trens taes como: caleches, mylorde e vis-à-vis; alguns mezas de quartos, leitos de ferro, lavatorios, 1 aparador, 1 guarda-louça, 1 grande fogão de fogo central, com forno, estufa e caldeira de cobre para agua, mesa elastica, lavatorio com deposito para agua, 1 espelho de sala e uma cama de madeira completa. Quem pretender diciriga-se ao seu proprietario João Antonio.—Távira. (214)

Leilão de propriedade rustica

No dia 19 de março proximo, pelas 11 horas da manhã, na casa da extincta D. Maria da Encarnação Aragão, na rua dos Ciganos, se procederá á venda em leilão particular d'uma propriedade sita na freguezia de Santiago d'este concelho, no si

tio do Fogo, que consta de terras de semear, alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras, figueiras e mais arvores de fructo e vinha, casas de moradia, ramada e palheiro, que será posta em hasta pelo valor de mais de metade como base de licitação. Faro, 20 de fevereiro de 1905.

João Rodriguss Aragão.

ESCROFULAS

e como se livrar d'ellas!

Não se pôde cotar auctoridade maior sobre a questão de "Como se livrar das escrofulas," do que uma testemunha que livrou o seu filho. Quando elle fez isto n'um caso de escrofulas sob a sua propria vista, é evidente que elle obteve o remedio exacto. O Senhor Araujo viu que podia livrar de escrofulas o seu filho, dando-lhe a Emulsão de Scott. As pessoas que teem escrofulas e doenças nos ossos taes como rachitis, teem aqui diante d'ellas o conselho que as librá do mal. Vale-vos a pena ser curado? Lêde a mensagem que vos envia o Senhor Araujo:



MANOEL DA SILVA ARAUJO.

RUA GOMES FREIRE, No. 37, PORTO, 20 de Agosto de 1903.

Appliquei a Emulsão de Scott ao meu filho Manoel, de 5 annos de idade, como um preparado efficaz contra as escrofulas, e faço-lhes saber que a Emulsão de Scott curou o meu filho por completo, o que V.Sas. podem facilmente imaginar, me causou muita felicidade, e não só as escrofulas desapareceram, como tambem ella purificou o sangue d'elle e elle gosa de boa saude.

(Assignado) MANOEL DA SILVA ARAUJO.

A Emulsão de Scott sempre livra a gente das escrofulas, da rachitis, e das doenças do sangue e dos ossos. Quasi que não podemos fazer mais do que offerecer-vos as provas incontestaveis d'isto, se não desejardes livrar-vos das escrofulas, deverá restar-vos decidir. O remedio é prompto, certo, rapido e completo. E a Emulsão de Scott pôde ser tomada em todos os casos. Ella é oleo de figado de bacalhau com hypophosphitos de cal e soda — os quaes fornecem força aos ossos —, ella limpa o sangue e fortalece e dá tom a todo o systema, expedindo a doença á medida que segue.



Marca registrada.

Acobertou-se pois n'uma dôr muda, e esperou.

D'ali a algum tempo, Cecilia escreveu á sua amiga uma extensa carta, na qual lhe agradecia muito as suas lições, dando-lhe a saber que estava finalmente convertida á felicidade, e que se via agora muito perto do momento em que devia considerar se inteiramente venturosa.

A pobre mulher definhava. ....

CAPITULO IX

M. de Noirville a M. Dumont, advogado

Pariz...

«Então! meu caro Dumont, quando eu te dizia que a magresa da minha pobre mulher me pregaria uma peça!!! ha sete dias que estou vivo. Ah! sim, estou vivo, meu pobre Dumont; e certamente que se eu podesse prever este acontecimento, não me teria casado para haver de fazer o mesmo d'ali a dezoito mezes; porque não quero ficar vivo, visto não haver no mundo nada mais desagradavel do que os preliminares do casamento. (Continúa).

UMA MULHER FELIZ



CAPITULO VII

Uma carta rasoavel

Recordaes-vos muito, minha querida amiga, da nossa juventude. Meu Deus! e eu tambem, deveis sabel-o: como vós gostei dos passeios no golpho, da meditação da noite e do luar; mos eu vol-o repito, ha uma idade para tudo isto, é quando a alma e o espirito estão vassios de cuidados serios... porque, em resumo, o que é que prova toda essa poesia para a felicidade real?... E' um sonho, e todo o sonho tem o seu despertar... De que serve sonhar naquillo que nunca será possível obter-se? A vida positiva tem seus encantos, e sobretudo desde o meu casamento eu os concebo; o segredo é unicamente saber, ou antes querer tornar-se feliz; imitae-me pois, querida louca: eu tornei-me feliz, mui-

to feliz, porque quiz buscar a minha felicidade onde ella está realmente, isto é nos meus cuidados domesticos, na minha vida caseira, na afeição de meu marido, que me ama como eu o amo.

«Mas antes de tudo, é mister terminar os vossos devaneios sem fundamento. Agora os vossos deveres de mulher, e um dia os vossos deveres de mãe, ser-vos-hão sufficientes e não tereis que vos queixardes desses pesares sem motivo que vos afadigam e que vos atormentam tanto a vós como aos vossos.

«Achar-me heis muito severa, minha querida menina, mas vós o mereceis; até hoje não tenho visto nas vossas cartas senão a expresseão d'uma sensibilidade muito forte, que não encontrava expansão; eu comprehendia perfeitamente que devieis ter algum custo em habituar-vos aos exteriores um tanto vulgares de vosso morido; e por isso acolhia com indulgencia a narração das vossas horriveis torturas; mas em verdade acreditava que, esse resto de susceptibilidade estando esgotado, voltariéis á razão, ao bom senso, e que, o vosso espirito superior tendo dissipado o

nevoeiro de todos esses pesares chimericos que vos escondiam a felicidade real, chegarieis á verdade, isto é á convicção de que sois a mais feliz de todas as mulheres.

«Em logar d'isto, vejo que essa susceptibilidade exagerada augmenta de dia para dia; os vossos queixumes redobram, os vossos pretendidos soffrimentos augmentam. Ora, minha querida menina, eu julgaria faltar ao meu dever de amiga, e de amiga sincera, não dizendo com severidade tudo quanto resinto, julgando que com todas as probabilidades de ventura, vós acabareis por vos crederes a mais infeliz de todas as mulheres.

«Em verdade, Cecilia, tudo isto parece um partido tomado, e se eu vos não conhecesse como conheceo, diria ser isso quasi uma pretensão; mas não, em vós, minha amiga, que é um habito; por que, torno a repetir-vol-o, de que carecia, o que vos falta?

«Eu sou severa, cruel, dizeis vós; não, minha amiga, quero ver-vos muito simplesmente apreciar a vossa felicidade.

«Portanto, tomae cuidado nisto. Se na primeira carta que eu receber de vós, encontrar similhantes

queixumes sem motivo nem fundamento, em tal caso remetterei a missiva a M. de Noirville, que ralhára muito convosco e com bastante razão.

«Quasi que me esqueço de abraçar-vos; mas confio tanto no vosso sublime caracter, que vos perdôo ainda mais esta vez, na esperanza que sereis bastante cautelosa no futuro.

«Baroneza HERLMANN.»

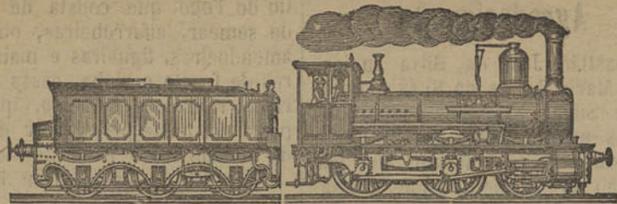
CAPITULO VIII

Felicidade

Depois da leitura d'esta carta, cheia d'uma razão tão agreste, d'um bom senso tão glacial, Cecilia resentiu aquella especie de serenidade que se succede ao instante em que vemos fugir nos a derradeira esperanza.

A unica consolação de Cecilia fóra de pensar que ao menos uma alma ouviria o grito da sua alma.

Viu que se tinha illudido, e calou-se, muito orgulhosa para que falasse d'ali avante d'uma dor que lhe invejavam como se fóra verdadeira pretensão.



# HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hotéis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

## AVISO AO PUBLICO

EXCURSÕES RECREATIVAS

DE

## TAVIRA A PORTIMÃO

Previne-se o publico que a excursão que se acha annunciada e que se deve realizar na primeira segunda feira seguinte ao dia da inauguração da estação de Tavira é acompanhada pelas philarmonicas: *Velha*, de Villa Real de Santo Antonio sob a regencia do sr. Salvaterra; *Limpinhos*, de Tavira, sob a regencia do sr. Guerreiro; e pela *Meyerber a Nova*, de Villa Real de Santo Antonio sob a regencia do sr. Romão Lopes de Miranda.

As senhas para esta excursão além das casas que já se acham annunciadas, estão tambem á venda em Villa Real de Santo Antonio em casa dos srs. Bartholomeu Fernandes Vargas e Alonso Diogo Costa.

### PREÇOS: IDA E VOLTA

Em 2.<sup>a</sup> classe..... 1\$200  
Em 3.<sup>a</sup> classe..... 800

O dia definitivo e hora de partida serão opportunamente annunciados. Os srs. excursionistas podem assistir ao espectáculo pela tuna farsa no theatro de Portimão.

O ultimo praso para a venda das senhas é até ao dia 28 de fevereiro.

A Commissão.

## PORTIMÃO A TAVIRA

No dia 16 de abril de 1905

Não podendo ter lugar no dia da inauguração da estação de Tavira a excursão que está annunciada, devido á Direcção dos Caminhos de Ferro não alugar o comboio para aquelle dia, foi esta transferida para o dia 16 de abril, Domingo de Ramos, podendo os srs. excursionistas assistir á procissão dos Ramos que se realiza n'esta cidade e que este anno se realisa com toda a pompa.

A partida do comboio da estação de Portimão será n'aquelle dia ás 5 horas da manhã e de Tavira, no mesmo dia ás 11 horas da noite.

As senhas para esta excursão estão á venda até ao dia 25 de março nas mesmas casas que já foram annunciadas.

### PREÇOS IDA E VOLTA

Em 2.<sup>a</sup> classe..... 1\$200  
Em 3.<sup>a</sup> classe..... 800

## EDITAL

Felix do Amaral, escrivão de fazenda do concelho de Tavira, por Sua Magestade que Deus guarde, etc.

FAÇO saber que, por ordem superior, foi prorogado o praso para a cobrança de todas as contribuições geraes do Estado até ao fim do corrente mez.

Para geral conhecimento, se passou este e identicos que serão affixados nos logares do costume.

Repartição de fezenha do concelho de Tavira, 1 de março de 1905.

O Escrivão de Fazenda,  
(220) Felix do Amaral.

## EDITAL

A comissão do recenseamento militar do concelho de Tavira:

FAZ saber que se acham affixadas nas portas das igrejas parochiaes d'este concelho as listas dos mancebos recenseados nas respectivas freguezias para o serviço militar do corrente anno e bem assim que está patente na respectiva secretaria o livro do mesmo recenseamento para ser examinado para o effeito de qualquer reclamação, omissão e qualificação de qualquer mancebo. Que as reclamações poderão ser apresentadas na secretaria da camara e da comissão até ao dia 31 do corrente mez, seguindo-se o processo determinado no regulamento de 24 de dezembro de 1901. E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e outros de igual theor que vão ser affixados nos logares do costume e publicado no jornal d'esta cidade.

Paço do concelho de Tavira, 2 de março de 1905.

O presidente,  
222 João Possidonio Guerreiro.

## A PEROLA DE TAVIRA

A GABA de chegar um completo e variado sortido de chapéus de chuva para homem e senhora, lindos modelos e preços sem competencia, porque a grande quantidade e a boa compra assim o faz.

(196) José Viegas Mansinho.

## SEGUROS CONTRA FOGO

A PREMIOS CONVIVATIVOS

e sem despeza alguma nem incommodo para os srs. segurados

— 2 —

Tomam se por intermedio de

JERONYMO BOBONE

para acreditadas companhias estrangeiras ou nacionaes funcionando em Lisboa

Dirigir a correspondencia para a rua das Amoreiras, 95, em Lisboa.  
(217)

## ANNUNCIO

Mathias Peres Rojo tem um trem para alugar. 210

## IMPPOSTOS

O arrendatario do imposto de fariinhas e todos os cereaes em Santo Estevão é o sr. José Pires Florencio, sitio da Igreja. 212

## CASAS DE DETENÇÃO E CORRECÇÃO

A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, acaba de editar os Regulamentos das Casas de Detenção e Correcção de—Lisboa, Porto, e de Villa Fernando, seguidos de diversa legislação judicial, e fiscal, sendo o seu custo 200 r is.

Grandes Armazens de Novidades

AU PRINTEMPS  
PARIS

O catalogo e as amostras dos tecidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem os pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

A. VINCENTT  
19, LARGO DE CAMÕES-ROCIO-LISBOA

ALVELLOS & C.<sup>a</sup>

Casa de Cambio, Loterias e Tabacos

16, PRAÇA DE D. FRANCISCO GOMES, 17  
FARO

OS proprietarios d'este estabelecimento, acham-se sempre habilitados para fornecer jogo de todas as loterias da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, assim como para receber em troca o jogo premiado de qualquer cambista de Lisboa.

A proxima loteria realizar-se ha no dia 17 de março. 195

## Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro



BAGA de sabugueiro para dar cor ao vinho, importada directamente da Regoa, nova colheita, 1.<sup>a</sup> qualidade, vende

JUSTINO A, FERREIRA  
TAVIRA

128

## PINHEIRO & FILHO

Commissões e consignações Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro  
PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

## FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20  
TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

## Empregado economico.

Pela quagria de 2\$500 réis mensaes. tem o commercio, industriaes e particulares de todo o paiz. e por 5\$000 réis, os das Ilhas, Africa e Brazil, um empregado afluente, para satisfazer todas as suas ordens em Lisboa. Largo do Terreiro do Trigo, 8, 1.<sup>o</sup> D.—Lisboa. (204)

**Vende-se** o dominio directo de um fôro de 22\$500 réis, annual, com vencimento em 3 de agosto, imposto na fazenda da Capellinha que trazem em venda os srs. padre Piedade e irmão. Quem pretender entenda se com Gonçalo Ferro. O mesmo vende tambem uma courella de fazenda no sitio da Capellinha com terra de sementeira e oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, com casa, cavallariça e palheiro. Vende tambem umas casas na rua de S. Braz com 8 compartimentos, quintal, cerca e cavallariça com sahida para o Alto de S. Braz, d'esta cidade. 198

**Vende-se** ou aluga-se uma casa nova na rua das Freiras. Tem 12 compartimentos, pequeno quintal com magoifica agua. Trata se na rua do Sapal, 20.

**Vende-se** uma propriedade no sitio d'Asseca, com horta e sequeiro e consta de casas de moradia, ramada e palheiro, alfarrobeiras, amendoeira, oliveiras, vinha e outras arvores de fructo.

Trata-se com Abilio dos Santos Bandeira, Tavira. 167

**Casa.** Vende se uma casa alta com sala e saleta, tres quartos, casa de jantar, coziuha e duas copas, sobrado, soteia e dois armazens, rua Direita, 97, (frente para o rio). Quem pretender dirija se a Frederico Mil-homens. (185)

**Acções.** Vendem-se quatro acções da armação de Bias. N'esta typographia se diz.

**Lezirias do Guadiana.** Vende se uma decima sexta parte d'estas lezirias. Quem pretender dirija se a Matheus Teixeira d'Azevedo, largo da Graça, 82, 1.<sup>o</sup>—Lisboa.

**VENDEM-SE** 22 acções da Companhia Tavirense de Moagens e Massas a Vapor. N'esta redacção se diz. (206)

**Potes de lata.** Vendem-se ou alugam-se oito potes de lata de 70 alqueires cada um. Trata-se com Francisco Pedro Maldonado Senior, Tavira. 193

**Carro.** Vende-se um de quatro rodas com cabeça de couro da Russia, em bom estado e muito leve, proprio para um só animal. Trata-se com Joaquim de Mello Trindade.—Tavira. (154)

## JOSÉ MARIA DOS SANTOS

LIVRARIA = TAVIRA

ULTIMAMENTE:

*O Genio portuguez aos pés de Maria, O tiro de caça, Leonor Telles, Casamento de conveniencia, Positivos e negativos photographicas.*

EM ASSIGNATURA:

*Collecção Camillo Castello Branco, O Manual do Operario, Os ultimos escandalos de Paris.*

Collecção Economica=Cada volume, UM TOSTÃO

Romances de Daudet, A. Karr, Bouvier, Malot, Ohnet, Jules Mary, Champsaur, etc.

100 RÉIS CADA VOLUME — ROMANCES BARATOS!